



TEXTO DO CESE







# 1º DE MAIO, DIA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES 1ª INTRODUÇÃO —

Vamos dentro de dias comemorar mais um 1º de Maio que é desde o "Congresso Internacional de Paris" de 1889 a data escolhida para comemorar o "Dia Internacional dos Trabalhadores".

Iremos celebrar o 1º de Maio de 1889, dia em que 190 000 operários se manifestaram em Chicago e se revoltaram contra os patrões na sequência dum resolução do Congresso das Trade Unions reunido nessa cidade em 1884, que decidiram que a partir do 1º de Maio de 1886 a jornada de trabalho seria de 8 horas.

Vivíamos por esta época um clima internacional muito tenso - a guerra parecia rebentar todos os dias - e em que a exploração capitalista não tinha freios - era feroz e desmedida, como se pode depreender de uma breve análise acerca do capitalismo e situação dos trabalhadores quer na Europa, quer na América.

A actividade sem paralelo da grande indústria e do comércio dera então, nos anos 80, origem a duas formas particularmente características da acumulação do capital: - o mais forte desenvolvimento de cartéis trusts na Europa, assim como a mais poderosa concentração bancária no mundo inteiro. Foi o desenvolvimento dos cartéis que organizou a indústria pesada, ou seja, precisamente o sector do capital que está directamente interessado pelos fornecimentos de Estado, os armamentos militares e as empresas imperia listas (construcções de caminhos de ferro, explorações de minas, etc) e fez disto o factor mais influente no interior do Estado. Foi a concentração bancária que comprimiu o capital financeiro numa força bem distinta, dotada de uma energia cada vez maior e mais actuante; uma força que reinava soberanamente na indústria, no comércio e no crédito, que era tão preponderante na economia privada como na economia pública e dispunha de um poder de expansão ágil e ilimitado, sempre á procura de lucros e de zonas em que pudesse exercer o seu domínio; uma força impessoal de grande envergadura, audaz e sem escrúpulos, repentinamente internacional e que, mesmo na sua estrutura, estava talhada à medida do mundo, futuro teatro das suas explorações. Que se lhe junte o mais forte e versátil dos regimes pessoais em matéria de iniciativa política, ligada ao mais fraco dos parlamentarismos, incapaz de qualquer oposição; que se lhe acrescentem, além disso, todas as camadas da burguesia reunidas na mais violenta oposição à classe operária e encobertas pelo Governo, e desde logo se pode prever que este jovem e pujante imperialismo gerado sem obstáculo de espécie alguma, que fez a sua aparição na cena mundial com apetites monstruosos numa altura em que a partilha do mundo estava por assim dizer estabelecida, iria tornar-se muito rapidamente no factor (imprevisível) da agitação mundial.

No que diz respeito à América esta mesma situação miserável dos trabalhadores, a sua péssima condição de vida era, em grande parte, condicionada pelo insucesso fluxo de migrassão, que concentrava muitos milhares de pessoas nas cidades industrializadas do leste da América, uma vez que a partida para o Oeste exigia condições económicas estáveis, que lhes permitissem quer a possibilidade das viagens, quer o recomeçar de uma nova vida do outro lado do continente americano.

Ora esta concentração de mão de obra nas cidades do Leste se, por um lado, resulta das crises económicas europeias (Suécia, Alemanha, Inglaterra, Irlanda, que assim originavam a existência de um elevado número de emigrantes, convinha, sem qualquer dúvida e resultava até certo ponto, dos es



forços dos capitalistas americanos que viam aí um bom meio( entre outros) de fazer pressão sobre os salários nos Estados Unidos. E, assim, apesar das condições de trabalho e de existência dos trabalhadores serem muito mais, de todos os anos morrerem centenas de pessoas, do seu destino ser portanto miserável, os lugares vagos eram imediatamente preenchidos por outros.

A greve surge como a arma mais eficaz dos trabalhadores para chamar à razão os capitalistas, como um poderoso calmante aos seus apetites selvagens.

É assim que os trabalhadores vão conseguir impôr a conhecida "lei dos três oito" proposta pelo Congresso Internacional de Paris, em 1889: oito horas de trabalho, oito de estudo e oito de descanso, para todos os trabalhadores. E assim que, na Europa como já antes na América, os capitalistas viam impotentes e com espanto crescer a força proletária e exercendo a greve sempre que a achavam oportuna em proveito ou como represália contra as forças opressoras, juntava vitórias.

A história do 1º de Maio é ao fim e ao cabo a da longa luta do operariado de todo o mundo resolvido, após a criação da Internacional Socialista de 1864 com a conhecida exortação de Marx "PROLETÁRIOS DE TODO O MUNDO, UNIVOS!" a combater a opressão do capital por todos os meios ao seu alcance. Aliás, como sabemos "a dialéctica da história progride no meio de contradições e, em cada coisa necessária, ela engendra o seu contrário."

A dominação da classe burguesa é fora de qualquer dúvida uma necessidade histórica mas contra ela o levantamento da classe operária não é menos necessário. Ao capitalismo, sistema de produção que realizou a sua função histórica e cujo fim irrevogavelmente se aproxima não faltou o espírito criador e ele até foi progressista em relação aos estádios sociais anteriores mas não pode trazer aos homens nem segurança nem justiça, nem liberdade, nem mesmo um pouco menos de infelicidade.

Nesta perspectiva, jornada de luta deverá ser o 1º de Maio, luta contra o capitalismo, luta contra a opressão e a repressão que ele engendra, pois só a abolição do sistema de produção capitalista e a sua substituição pelo socialista exprime a vontade natural de uma humanidade que quer acabar com a violência reaccionária e com as ameaças perpétuas que quer utilizar o progresso dos conhecimentos e das técnicas para construir uma sociedade fraterna onde os homens já não serão juguete das forças cegas dos gananciosos, privilegiados e demais reaccionários egoístas.

No texto que se segue pretendemos divulgar o que tem sido o 1º de Maio, desde os fins do século passado, para a única classe verdadeiramente revolucionária e capaz de fazer evoluir a nossa sociedade - o proletariado. História já longa, dura e sangrenta... História negra de traições, vermelha de sangue mas doirada de esperança ou, melhor, de certezas.

## 2º O 1º DE MAIO NOS PAÍSES CAPITALISTAS, REVISIONISTAS E SOCIALISTAS

Sempre verificamos, ao longo da História, que cada classe tem escolhido uma data festiva na qual celebra, mais do que noutras alturas, o seu poderio e faz a apologia dos seus ideais.

Em tempos idos a nobreza escolhia certas datas do ano para, fortemente apoiada pelo clero proclamar o "direito divino" de explorar os camponeses. Com o desenvolvimento industrial e a burguesia no poder, esta também escolheu datas históricas que lembravam a vitória sobre outros povos, para comemorar alegremente o seu domínio de classe. As paradas militares e os discursos cheios de promessas eram uma constante.

Mas também os operários têm o seu dia querido: O 1º de Maio, dia dos trabalhadores de todo o mundo, data assinalada ao longo dos anos por gloriosas jornadas de luta contra o capitalismo. Por todo o mundo se comemora o 1º de Maio se bem que de maneiras diferentes conforme a classe que se encontra no poder.

O 1º de Maio é comemorado de igual modo em todos os países onde a ditadura terrorista da burguesia tenta amordaçar o povo, dominá-lo para melhor o



explorar. Se todas as iniciativas e manifestações operárias são selvaticamente reprimidas pela polícia é natural que a burguesia tome todos os anos medidas excepcionais de segurança para impedir que o proletariado abandone o trabalho e venha para as ruas mostrar-lhe que está farto de ser explorado e que o seu ódio ao sistema capitalista não está adormecido. A feroz repressão policial vai fazendo desvanecer as ideias pacifistas burguesas e os operários vêem que só a violência revolucionária se poderá opor à violência reaccionária da burguesia e que só pela violência o poder passará para as suas mãos.

Assim, convém recordar algumas gloriosas jornadas de luta travadas no 1º de Maio. Em 1904, Lenine escreve um panfleto de agitação intitulado "O 1º de Maio" onde dizia: "Camaradas operários! Eis o 1º de Maio, dia em que os operários de todos os países celebram o seu despertar para uma vida consciente, celebrem a sua união na luta contra toda a violência e toda a opressão do homem pelo homem, na luta que deve libertar milhões de trabalhadores da fome, da miséria e da humilhação(...). Que os proletários social democratas cerrem as suas fileiras! Que seja cada vez maior a agitação a favor das reivindicações operárias!

Que a festa do 1º de Maio faça surgir milhares de novos combatentes e duplique as nossas forças na grande luta pela liberdade de todo o povo, pela libertação de todos os trabalhadores do jugo do capital!...

A decadência do czarismo, a guerra russo-japonesa, tinham criado as condições objetivas para o desencadeamento de gloriosas lutas do proletariado russo. Em Janeiro de 1905 havia mais de 440.000 operários em greve. As lutas adquiriram cada vez mais um acentuado conteúdo político. O POSDR apelou para a paralização das fabricas, para a violência armada no próximo 1º de Maio no que é seguido por mais de 200.000 operários que vêm para a rua e lutam corajosamente contra as tropas do czar. A luta prossegue e a burguesia e a autocracia russa vê-se obrigada a mudar de tática. Em Abril de 1912 são massacrados mais de 500 operários em greve das minas do Lena, o que provoca um enorme surto grevista de solidariedade. As jornadas do 1º de Maio movimentam mais de 400 mil operários dirigidos pelo partido Bolchevique, exigindo a república democrática, oito horas de trabalho, fim dos latifúndios, etc. Lenine considerou estas lutas como o princípio de um movimento revolucionário que abalaria toda a Rússia.

Após a guerra imperialista de 14-18 o capitalismo entra em crise por todo o lado. O desemprego e a fome colocam os operários numa situação desesperada. O 1º de Maio de 1919 em França é assinalado por importantes lutas reivindicativas desencadeadas pela Federação dos Sindicatos dos Ferroviários e apoiada pelos outros sindicatos que levam a reboque a direcção reformista da CGT.

Na Alemanha nazi, Hitler vê-se obrigado a permitir as comemorações do 1º de Maio de 1933, procurando assim dissimular o seu carácter ditatorial e ficar bem visto pelo povo. Mas no dia seguinte a sua policia prende todos os activistas operários que mais se destacaram nas lutas da véspera. Daí em diante, todo o movimento operário seria abafado em sangue e o povo alemão lançado numa guerra de rapina. Em Espanha, a ditadura franquista vê-se ultimamente a braços com meros surtos grevistas e as manifestações são cada vez mais violentas. No 1º de Maio de 1973, centenas de pessoas são presas e um policia é morto e outros feridos. Em 1974, o Partido Revisionista espanhol apressa-se a dizer que não se responsabiliza pelos acontecimentos que se previam para o 1º de Maio e declara não convocar nenhum a manifestação para esse dia. Por outro lado, alinha com os monárquicos e os banqueiros na Junta Democrática esperando pacientemente que Franco morra e se liberalize a ditadura burguesa..

Onde a burguesia concede algumas liberdades, logo os partidos reformistas e revisionistas convocam manifestações pacificas para comemorar o dia dos trabalhadores. Nada de violências, que a policia pode zangar-se. A luta politica é esquecida nesse dia de festa e procura-se fazer esquecer aos operários a exploração de que são vitimas. Os discursos pronunciados denunciam o carácter eleitoralista destes partidos e o 1º de Maio torna-se de dia de luta contra o capitalismo em dia de colaboração de classes, com as massas populares cantando e divertindo-se pelas ruas sob os olhares sorridentes e paternalistas da burguesia. Por exemplo, o ano passado em Itália o slogan mais gritado nas manifestações do 1º de Maio foi o "Sim ao divórcio" em cujo processo o



P"O"O estava empenhado. Em França o P"O"O não convocou manifestações porque se estava em "tréguas na luta de classes" por causa das eleições presidenciais.

E, assim como nos países capitalistas, também naqueles em que se faz sentir a influência dos revisionistas soviéticos se comemora o 1º de Maio. No entanto estas comemorações assumem um carácter profundamente diferente, já que nestes países o dia de luta entre explorados e exploradores é substituído por um dia de festa em que se faz a apologia da colaboração de classes.

Nos países revisionistas, neste dia, fazem-se grandiosas paradas militares, com imponentes desfiles de tanques e mísseis com que se pretende assustar o povo e mostrar ao mundo todo o seu poderio militar, o que traduz os seus interesses imperialistas.

Isto mostra, na verdade, que a exploração continua nestes países, já que naqueles em que a classe operária, à cabeça do povo, tomou o poder aos exploradores, o 1º de Maio é um dia festivo, de confraternização e alegria populares, um dia em que os trabalhadores manifestam a sua solidariedade internacionalista para com os camaradas que em todo o mundo vivem ainda amarrados às grilhetas da exploração capitalista, oprimidos pela ditadura da burguesia e contra ela se erguem e lutam. Assim, vemos que quer na República Popular da China quer na República Popular da Albânia, o 1º de Maio, além de ser um dia de manifestações de alegria é um dia em que a actividade cultural é intensa e a luta na frente ideológica contra as ideias burguesas infiltradas no seio do povo se robustece.

### 3- O 1º DE MAIO DURANTE O FASCISMO EM PORTUGAL.

Em Portugal, dominado por uma ditadura repressiva, o 1º de Maio além de um dia de mobilização, união e luta da classe operária contra a exploração capitalista e o seu inimigo de classe, a burguesia, foi também uma jornada de lutas violentas em que as massas populares mostraram o seu ódio à ditadura fascista e, particularmente nos últimos anos, à guerra colonial.

Apesar da repressão existente, nunca o 1º de Maio deixou de ser comemorado em Portugal durante o fascismo, atingindo maior ou menor intensidade conforme as lutas operárias contra a exploração e a opressão capitalistas se encontravam em períodos de maior ou menor desenvolvimento.

Em especial os últimos anos da ditadura fascista foram para Portugal uma época de desenvolvimento incessante das lutas operárias e populares. Por toda a parte, nas fábricas, nos campos, nos quartéis e nos barcos, o povo se ergueu contra a exploração, contra a ditadura fascista, contra a guerra colonial e o imperialismo. Integrado neste caudal de pequenas e grandes lutas pelo derrube do capitalismo, o 1º de Maio surge como um dia de luta aberta nos locais de trabalho e nas ruas contra o capital e as forças repressivas ao seu serviço.

Nesse dia, a classe operária luta nas fábricas, realizando assembleias de trabalhadores, paralizações e greves, exige o feriado do 1º de Maio e trava combates pelas suas justas reivindicações; nas zonas de maior concentração operária (Lisboa, Porto, Marinha Grande etc) os trabalhadores realizam importantes manifestações pelos seus objectivos de classe, resistem ao inimigo e opõem à sua violência reaccionária a sua violência revolucionária; assim, vão acumulando a experiência e a união necessárias para os árduos e prolongados combates que terão que travar até se libertarem do jugo do capital. Exemplo destas importantes lutas de rua foram as grandes manifestações do 1º de Maio de 1970 em Lisboa e na margem Sul e em 71 na cidade do Porto, assim como a grande concentração operária em 72 no Porto na Praça da Liberdade cercada por centenas de polícias e pides armados.

Em 1973, apesar da feroz repressão e vigilância das forças da G.N.R., Pide, e P.S.P., as comemorações do 1º de Maio revestiram-se de particular violência através das quais o povo português mostrou na rua o seu ódio ao capitalismo, ao regime fascista e à guerra colonial.

As importantes lutas e vitórias alcançadas no início do ano (em Matosinhos, na Sepsa, na Alumina, etc.) animaram a classe operária para mais esta jornada de luta. Por todo o país se realizaram paralizações e ausências em massa das fábricas e outros locais de trabalho.

Nas duas principais cidades do País as lutas atingiram formas mais ele-



vaças devido à maior concentração operária e à conseqüente maior consciência das massas trabalhadoras.

No Porto, milhares de trabalhadores concentraram-se nas imediações da Praça da Liberdade. A manifestação que estava prevista não se realizou devido à acção das forças policiais que cortaram todos os acessos à Praça, numa demonstração do <sup>medo</sup> que lhes metem as massas populares quando organizadas e dispostas para a luta.

Conseguiram-se realizar pequenas manifestações nas imediações, seguidas de confrontos com a polícia e de ataques a bancos.

Também em Lisboa se realizou no Rossio uma concentração de milhares de trabalhadores. Na véspera, realizaram-se pequenas manifestações convocatórias nas zonas fabris, tendo-se hasteado bandeiras vermelhas e gritado "Viva o 1º de Maio" "Viva a Classe Operária!" "Viva o Socialismo!" "Viva o Comunismo!"; et.

No dia 1º de Maio à tarde o Rossio estava em pé de guerra. O aparato policial era enorme. Polícias fardados e à paisana, armados de metralhadoras, cães, pidos, carrinhas da P.M. etc.. As entradas do Metropolitano e os cafés foram encerrados.

Realizada a concentração, a polícia não deixou que a manifestação arrancasse, atacando brutalmente as massas populares. Realizaram-se dezenas de prisões e os manifestantes foram perseguidos através das ruas da baixa.

Esta foi mais uma jornada de união e luta da classe trabalhadora.

O aparato policial usado neste 1º de Maio de 1973 foi a prova clara do medo que se apoderara da burguesia portuguesa ante o avanço das lutas populares. Ao mesmo tempo, a crescente intensificação das lutas populares e a sua crescente radicalização mostraram a largos sectores da burguesia que o Fascismo não era já a forma de dominação mais apropriada para conter os trabalhadores portugueses e sobre eles continuar a exercer a sua exploração. Era já o pronúncio da queda do Fascismo.

#### 4. - O 1º DE MAIO EM 1974 E EM 1975

-- O 25 de Abril e as suas repercursões a nível das comemorações do 1º de Maio.

A classe operária e o povo português viveram durante décadas submetidos à mais desenfreada exploração e às mais cruéis condições de repressão por parte da camarilha fascista-salazarista-marcelista.

Nas fábricas, nos campos, nas escolas, onde quer que se acendesse resplandecente a chama revolucionária da revolta popular contra a miséria, o sofrimento e opressão, logo apareciam os cães de guarda do fascismo, armados dos pés à cabeça, para tentar sufocar o crescente ódio das massas populares contra a criminoso ditadura da burguesia.

No entanto, todas as manobras repressivas utilizadas pelos regimes de Salazar e Caetano, longe de intimidarem e desmobilizarem o povo da luta, mais não contribuíram do que para aumentar a determinação das massas em desfazer em cinzas todos os planos assassinos da burguesia com vista a calar a voz dos revolucionários e do povo, através de todo o seu vasto arsenal repressivo.

As prisões, as torturas, a criminoso guerra de rapina movida aos povos irmãos das colónias, a deterioração constante das suas condições de vida e de trabalho, respondeu o povo português com a multiplicação das suas lutas por todo o país, sendo de realçar o poderoso movimento grevista dos princípios do ano de 1974, que englobou centenas de milhares de trabalhadores portugueses, e que abalou até ao mais profundo dos seus alicerces o capitalismo em Portugal.

A intensificação da luta da classe operária e das massas populares em Portugal lado a lado com o caminhar irresistível para a independência por parte dos povos africanos submetidos ao colonialismo português, abriu profundas brechas no regime colonial fascista de Caetano, e levou à agudização extrema das contradições no seio da classe dominante criando-se as condições para que a burguesia fascista no poder, impotente para estancar o poderoso caudal da luta revolucionária do povo português e dos povos das colónias, cedesse o seu lugar à burguesia liberal e revisionista, única forma de iludir



as massas e de desviar a luta do povo dos seus objectivos fundamentais.

Aquilo que o regime fascista não tinha conseguido atingir através da força das armas e dos batalhões de pides e legionários, intentou a burguesia alcançá-lo mediante o recurso à demagogia e à hipocrisia das falsas promessas acerca da solução dos problemas fundamentais com que se debate o Povo português.

Catapultando para o governo partidos traidores da classe operária, falsamente apresentados como porta-vozes e representantes das massas populares, mais não se visa do que pôr tréguas na luta de classes, canalizando as reivindicações essenciais do Povo português para o objectivo da introdução de reformas sucessivas dentro do caduco sistema de exploração do homem pelo homem, como aspecto principal da transição gradual para o sistema Socialista.

Assim é que, nas manifestações do 1º de Maio, todos os oportunistas e traidores, aproveitando-se do natural regozijo das massas populares pela queda do regime fascista, tudo fizeram para transformar essa grande jornada de luta dos trabalhadores de todo o mundo contra a exploração e opressão, numa festa de apoio e agradecimento aos Messias da burguesia, que teriam livrado o Povo português da tirania de longos anos da ditadura fascista.

Convocar o Povo para a rua, não para intensificar a luta pela destruição do tal do sistema capitalista, aproveitando as novas condições abertas com o golpe militar do 25 de Abril, mas para apontar à classe operária a via de colaboração com os seus inimigos irredutíveis de classe, esta é a lógica das posições reformistas e revisionistas, cuja missão histórica mais não é precisamente que esvaziar completamente as lutas operárias do seu conteúdo de classe, entregando a direcção do movimento operário popular nas mãos da burguesia.

No decurso deste primeiro ano após o 25 de Abril, muitas das ilusões então criadas pela instauração da democracia burguesa em Portugal, foram sendo desfeitas pela prática diária do governo provisório e dos partidos burgueses da coligação, assim como pelo aprofundamento da crise do capitalismo português o que levou à crescente intensificação das lutas operárias e das massas populares, em que se foi tornando cada vez mais nítido para a grande maioria do povo que as tão apregoadas "liberdade" e "democracia" mais não eram que slogans que apenas visam encobrir o essencial de qualquer ditadura da burguesia: a exploração dos operários e camponeses, que vêem escapar-se o fruto do seu trabalho para os cofres dos capitalistas. A repressão sobre trabalhadores em luta, bem como sobre os verdadeiros revolucionários, a colaboração com a reorganização dos fascistas, a vergonhosa submissão ao imperialismo estrangeiro, a não existência de qualquer medida destinada a pôr cobro ao desemprego e à miséria existente no nosso país, são factos concretos que ilustram claramente a verdadeira natureza de classe do governo provisório e de todos os partidos da coligação.

Por todo o país, milhares de trabalhadores erguem bem alto a bandeira de luta por uma sociedade de paz, progresso e felicidade, desfazendo em pó as pretensões daqueles que visam amarrar as suas lutas dentro dos estreitos limites das concessões da burguesia.

A situação política desse primeiro ano de democracia burguesa em Portugal tem sido caracterizada por profundas disputas entre as várias cliques da burguesia, afectas ao imperialismo internacional, visando exercer a sua hegemonia a nível do aparelho de estado. Americanos e Soviéticos levam a cabo uma luta encarniçada no nosso país, com vista a transformar Portugal numa coudade dos seus objectivos expansionistas e de dominação do mundo. As sucessivas tentativas de golpe fascista, intimamente coordenadas com o imperialismo americano, segue-se o reforço das posições revisionistas a nível do aparelho de estado o que foi particularmente nítido após o 11 de Março.

A forte capacidade de enquadramento do militares do M.F.A. por parte do partido traidor de Alvaro Cunhal, leva este a sonhar em avançar para a instauração de uma ditadura social-fascista em Portugal, ditadura semelhante à que existe neste momento na União Soviética, e que se traduz pela exploração e forte repressão sobre a larga massa do povo russo.

Portugal será cada vez mais um palco de ferozes disputas entre as duas super-potências, o que se traduzirá pela existência de atritos permanentes e por uma ameaça constante à independência nacional da nossa pátria.

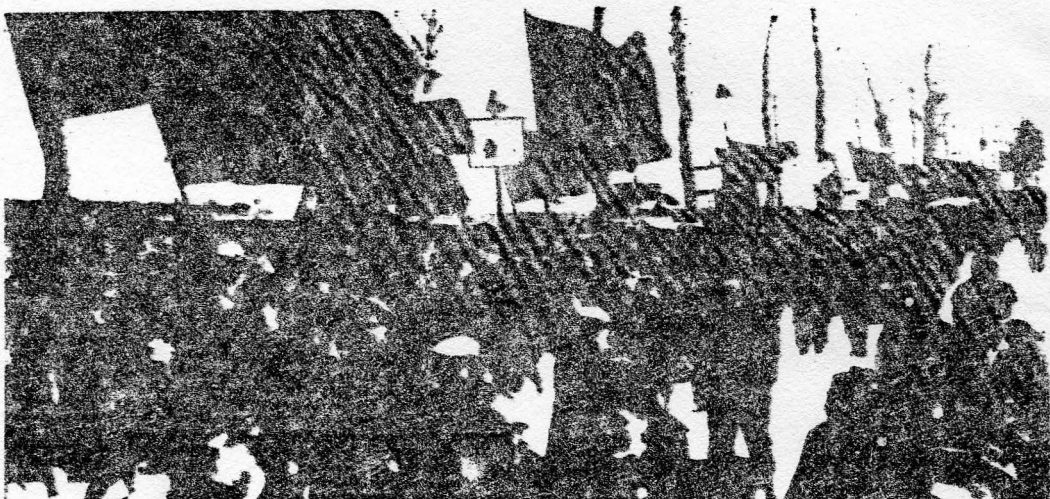


Nestas condições, os estudantes portugueses, interpretando cada vez melhor as aspirações e sentimentos do povo português, devem preparar-se neste dia 1 de Maio que se aproxima, para que, lado a lado com a classe operária e as massas populares, se transforme este dia numa grande jornada de luta pela independência nacional, contra a exploração capitalista, pela destruição violenta do poder de estado da burguesia - pela instauração em Portugal de uma verdadeira SOCIEDADE SOCIALISTA, uma grande jornada de luta contra o reformismo e o revisionismo, que uma vez mais tentarão levar as massas a aderir às suas peçonhentas teses pacifistas, de agradecimento ao M.F.A. e ao Governo Provisório por tudo quanto têm feito em prol da "democracia" em Portugal.









Camaradas operários! Preparem-se com uma energia duplica da para a eminente decisiva! Que os operários social-democratas cerrem as suas fileiras! que a sua propagandase estenda cada vez mais! Que seja cada vez maior a agita-ção a favor das reivindicações operárias! Que a festa do 1º de Maio faça surgir milhões de novos combatentes e duplique as nossas forças na grande luta pela liberdade de todo o povo, pela libertação de todos os trabalhadores do Jugo do capital!

LENINE